

O PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO DO MEMES ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL: ENTRELAÇAMENTOS

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima (UNEF)

rafaelasepulveda@gmail.com

Aline das Graças Monteiro Miranda Barros (UNEF)

alinegmmiranda27@gmail.com

Yasmim da Fonseca Wagner (UNEF)

yasmimfpaes@hotmail.com

RESUMO

As redes sociais digitais provocaram profundas mudanças na forma como a sociedade ressignifica a cultura (cibercultura), seus espaços (ciberespaços) e seus discursos (LÉVY, 2010). A noção de territorialidade (DELEUZE; GUATARRI, 1992) já não está mais associada à materialidade do espaço físico. O objetivo dessa pesquisa é, portanto, analisar os processos de desterritorialização e reterritorialização dos memes enquanto nova forma de textualidade. Através de uma pesquisa de cunho bibliográfico os memes são definidos como um gênero textual Bakhtin ([1979] 1997; KOCK, 2003) e são tipologicamente classificados (RECUERO, 2007). Analise-se também a heterogeneidade dos memes virtuais (AUTHIER-REVUZ, 1990), que, devido à sua volatilidade, desterritorializam-se (perdendo suas características fundantes) reterritorializando sua matriz de sentidos culturais e linguísticas. A fim de realizar uma análise qualitativa, o corpus selecionado para essa pesquisa foram memes retirados da página “Artes Depressão” (Facebook). Da perspectiva do multiletramento (BNCC, 2017) trabalhar os memes enquanto gênero textual implica ensinar interdisciplinarmente trazendo uma perspectiva de letramento crítico ao aluno de modo a inseri-lo em ciberespaços, culturalmente e linguisticamente plurais.

Palavras-chave:

Desterritorialização. Memes. Multiletramento.

ABSTRACT

Digital social networks have brought about profound changes in the way society resigns to culture (cyberculture), its spaces (cyberspace) and its discourses (LÉVY, 2010). The notion of territoriality (DELEUZE; GUATARRI, 1992) is no longer associated with the materiality of physical space. The objective of this research is therefore to analyze the processes of deterritorialization and reterritorialization of memes as a new form of textuality. Through a bibliographic research the memes are defined as a textual genre Bakhtin ([1979] 1997; KOCK, 2003) and are typologically classified (RECUERO, 2007). The heterogeneity of virtual memes (AUTHIER-REVUZ, 1990), which due to their volatile nature, are deterritorialized (losing their founding characteristics), reterritorializing their matrix of cultural and linguistic senses, is also analyzed. In order to perform a qualitative analysis, the corpus selected for this research were memes taken from the “Artes Depressão” page (Facebook). From the perspective of multiliteracy (BNCC, 2017) working memes as a textual genre

implies teaching interdisciplinary bringing a perspective of critical literacy to the student in order to insert them into cyberspace, culturally and linguistically plural.

Keywords:

Desterritorialization. Memes. Multiliteracy.

1. Introdução

A evolução tecnológica nas últimas décadas alterou significativamente a forma em que o mundo passou a se relacionar provocando também importantes mudanças nas comunicações organizacionais. Com isso, surgiram não somente redes sociais e mídias sociais digitais como também influenciou nas formas de comunicação. Antes onde somente a escrita ou a fala através de áudio via celular era o mecanismo unanime de comunicação, hoje, além disso, encontra-se os hipertextos mais evidentes e os *memes* virtuais.

Com um mundo cada vez mais globalizado, diversas ferramentas multimidiáticas criam novas formas de interação, de aprendizagem e de ensino possibilitando o desenvolvimento de habilidades sociointeracionais assim como a ressignificação das formas de comunicação. Por intermédio das redes sociais digitais novas formas de leitura e escrita como os *memes* despontam nesse novo cenário. As redes sociais digitais provocaram profundas mudanças na forma como a sociedade ressignifica a cultura (cibercultura), seus espaços (ciberespaços) e seus discursos (LÉVY, 2010). A noção de territorialidade (DELEUZE; GUATARRI, 1992) já não está mais associada à materialidade do espaço físico.

O processo de desterritorialização dos *memes* virtuais requer uma análise de seu sentido, contexto e efeito, além disso, os mesmos possuem hipertextos, ou seja, a imagem em si te transmite uma ideia do que se trata, ainda que não seja interpretado de forma escrita. Os mesmos, são composições híbridas originadas de micronarrativas que circulam no ciberespaço onde são construídos através de montagens e recortes históricos ou não, mas que em um contexto, fazem sentido onde são compartilhados *on-line*.

No artigo em questão foi utilizada a abordagem qualitativa na forma de pesquisa bibliográfica, através pesquisa no *Google* acadêmico, *Google* imagens e páginas de entretenimento, onde a partir dos mesmos, uma pesquisa netnográfica e análise dos conteúdos acerca dos *memes* selecionados.

2. Memes: de gene cultural a gene virtual

O conceito do termo “meme” foi forjado por Richard Dawkins, em 1976, no livro “O Gene Egoísta”. Ao estabelecer uma comparação com os genes (caráter genético), o autor explica que os *memes* são uma espécie de gene cultural que propagam ideias, valores e comportamentos produzidos socialmente. O termo provém do grego “mimeme” (imitação) e justifica o fato de os *memes* serem caracterizados como replicadores socioculturais que reproduzem as percepções dos sujeitos acerca da realidade visando ironizar, criticar, satirizar ou refletir a respeito de determinadas situações (CALIXTO, 2017).

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a idéia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à “memória”, ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, [1976] 2007, p. 192)

“Exemplos de *memes* são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo, os *memes* também se propagam saltando de cérebro para cérebro” (DAWKINS, [1976] 2007, p.330, grifo nosso). O *meme* é, assim, uma unidade de caráter cultural, uma força poderosa que reflete e molda as relações sociais e as identidades culturais dos sujeitos.

Pensar o processo evolutivo dos *memes* é pensar em (1) sua longevidade, (2) fecundidade, (3) fidelidade (DAWKINGS, [1976] 2007; CALIXTO, 2017). Recuero (2007) acrescenta ainda (4) o alcance, que se refere ao afastamento ou proximidade dos *memes* replicados dentro das redes sociais digitais e das novas formas de comunicação, leitura e escrita.

Quadro 1: Tipologia dos memes virtuais.

LONGEVIDADE	FECUNDIDADE	FIDELIDADE	ALCANCE
Persistentes	Epidêmico	Replicadores	Globais
Voláteis	Fecundo	Metafóricos	Locais
-	-	Miméticos	-

Fonte: Recuero (2007)

O comportamento e a variedade dos *memes* virtuais podem ser apreendidos através dessa tipologia. Em relação à longevidade, os *memes* virtuais ou são persistentes (replicados por um longo período de

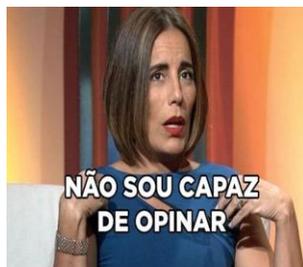
tempo) ou são voláteis (curto período de existência). Em relação à fecundidade, eles são epidêmicos (espalham-se amplamente) ou fecundos (espalham-se estritamente). Em relação à fidelidade, eles são replicadores (menor variação e alta fidelidade ao original), metafóricos (totalmente alterados e reinterpretados) ou miméticos (sofrem mutações, mas permanecem com as mesmas estruturas e são facilmente referenciáveis como imitações). Finalmente, quanto ao alcance, eles podem ser globais (alcança sujeitos distantes entre si) e locais (restringem-se a determinadas comunidades).

Figura 1.



Meme “ClimateChange Meme”.
Fonte: *Google*. Acesso em: 27 de out.

Figura 2.



Meme Glória Pires comentando Oscar.
Fonte: *Google*. Acesso em: 27 de out.
de 2020.

O *meme* da figura 1 faz uma alusão a um sucesso de bilheteria: “Titanic”. Conhecido mundialmente, o filme narra a história de amor entre Rose (Kate Winslet) e Jack (Leonardo DiCaprio). O desfecho da história todos sabem: Jack morre nas águas geladas do Atlântico Norte. Ao classificá-lo pode-se dizer que ele é epidêmico, metafórico (não faz nenhuma menção direta às imagens do filme ou do navio) e, neste caso, global, pois tanto o filme quanto o conteúdo temático do *memes* são de cunho global.

O *meme* ao lado (figura 2) é epidêmico, mas de alcance local, pois para ser interpretado é necessário saber que durante o comentário do Oscar 2016, a atriz Glória Pires se destacou por frases como “Eu curti, bacana”, “Sou ruim de previsões”, “Interessante”, “Achei bacana” ou ainda “Não assisti”. Ao assistir a entrega de uma premiação de cinema tão famosa quanto o Oscar, espera-se do comentarista um bom domínio de conteúdo cinematográfico, no entanto, a atriz não fazia nenhum comentário crítico acerca dos filmes e categorias (procurando dar alguma

explicação mais técnica ao público) e respondia apenas com suas opiniões pessoais, sem mais delongas.

O fato gerou muita repercussão nas redes sociais criando novos *memes* de cunho mimético como esse postado no *Twitter* do ator Victor Sarro:

Figura 3.



Meme Glória Pires comentando Oscar.

Fonte: *Twitter* @victorsarro. (2016)

Acesso em: 27 de out. de 2020.

Ou ainda *memes* de cunho metafóricos:

Figura 4



Meme Glória Pires comentando Oscar.

Fonte: *Twitter* @bentomribeiro. (2016)

Acesso em: 27 de out. de 2020.

Embora Dawkins ([1976] 1997), Calixto (2017) e Recuero (2007) ofereçam uma tipologia que permite categorizar e analisar os *memes*, interessa também os definir como gênero do discurso. Para Bakhtin ([1979] 1997) no todo do enunciado três elementos fundem-se indissolivelmente. São eles: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Segundo o autor “o conteúdo temático é o objeto de sentido de que se ocupa o gênero” (BAKHTIN, [1979] 1997 p. 301), isto é, o tema e-

nunciado a partir da posição social, do suporte comunicativo, das intenções, das finalidades e conhecimentos dos interlocutores.

O conteúdo temático é indissociável de sua forma já que todo discurso precisa de um gênero para se realizar. Conforme afirma o próprio Bakhtin ([1979] 1997, p. 222): “Não há conteúdo sem forma, como não há forma sem conteúdo.” Ambos se definem mutuamente à medida que os conteúdos ganham forma e sentido. Pensar o conteúdo temáticos dos *memes* é pensar as situações, os comportamentos e os sentimentos que eles tendem a representar. Mas não apenas isso, os *memes* podem questionar a realidade, problematizar uma situação, difundir valores e tudo isso está relacionado ao seu conteúdo temático.

“Quando há estilo, há gênero.” (BAKHTIN, [1979] 1997, p. 286). É partindo dessa premissa que se chega ao segundo elemento proposto por Bakhtin: o estilo, que é a seleção dos recursos linguísticos sejam eles lexicais, morfológicos ou sintáticos, isto é, a seleção de determinadas unidades temáticas e composicionais. Estudar a natureza do enunciado dos *memes* virtuais permite compreender como a estilística e a gramática articulam-se organicamente e concretizam os gêneros do discurso concedendo ao enunciado o status de unidade real da comunicação verbal.

Para Bakhtin ([1979] 1997, p.289), “a relação humana do falante com seu objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado mediante a necessidade da expressividade.” É assim que se concebe o último elemento fundante do enunciado: a construção composicional que diz respeito à organização das estruturas linguísticas e discursivas do enunciado, ou seja, ao formato do enunciado.

Ao retornar ao conceito de texto de Koch (2003):

[...] atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes ordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. (KOCH, 2003, p. 22)

Pode-se também constatar que os *memes* virtuais são considerados como textos, pois são manifestações híbridas (verbais e não verbais) que permitem aos usuários interagirem, a partir da compreensão de elementos semânticos e de estratégias cognitivas, em uma dada situação sociocultural.

Figura 5.



Meme “Bode Gaiato”.

Fonte: *Instagram* @bodegaiato.

Acesso em: 27 de out. de 2020.

Criado pelo recifense Breno Melo, o *meme* “Bode Gaiato” apresenta situações cotidianas e engraçadas a partir de construções linguísticas tipicamente nordestinas vivenciadas por bodes (animais tipicamente encontrados no Nordeste do Brasil). Através de uma heterogeneidade mostrada não marcada, ele retoma a falares tipicamente nordestinos (construção composicional) e práticas sociais decorrentes de ampla circulação popular como rotinas domésticas, rompimentos amorosos, relacionamento familiar (conteúdos temáticos), apresentando ironia e humor (estilo).

É a partir desse arranjo complexo de elementos que os *memes* podem ser considerados um gênero do discurso do meio digital. Sendo definidos a partir de critérios situacionais específicos (objetivos, tempo, lugar, participantes) eles são sociohistoricamente condicionados mudando seu sentido conforme o ritual e o jogo das palavras e as dimensões sociais, culturais específicas de tal momento. Ao produzir um *meme* um sujeito estabelece diálogos com outros enunciados e dimensões extra verbais (ideológicas, sociais, políticas, culturais) criando uma ressonância dialógica nunca completamente acabada.

Assim, pode-se definir os *memes* como composições híbridas originadas de micronarrativas, que circulam no ciberespaço, construídas por meio de remodelagens (montagens e recortes), compartilhados online e difundidos nas redes sociais (RECUERO, 2007; CALIXTO, 2017). Emanando das dinâmicas do ciberespaço, eles representam e produzem sentidos a partir dos conteúdos que propagam socialmente.

3. *A heterogeneidade nos memes: o jogo dos sentidos*

Por trás de toda a linearidade, há outras vozes que ecoam no discurso. O termo “heterogeneidade enunciativa” foi cunhado pela linguista Jacqueline Authier-Revuz que afirma que “(...) nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26).

A linguagem é sempre heterogênea e o discurso também o é. Há dois tipos de heterogeneidade, segundo Authier-Revuz (1990): a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. A primeira não se apresenta linearmente no discurso, mas é “(...) constitutiva da enunciação, está presente nela, em ação, de maneira permanente, mas não diretamente observável” (p.179). Trata-se de uma alteridade não revelada que permanece no interdiscurso: “os outros discursos são colocados não como ambiente que permite extrair halos conotativos a partir de um nó de sentido, mas como um ‘centro exterior constitutivo’, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

Já a heterogeneidade mostrada acontece quando “no fio do discurso, real e materialmente, um locutor único produz um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, que inscrevem, em sua linearidade, o outro” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12). Trata-se de uma forma de negociação do falante com a heterogeneidade constitutiva aparecendo no discurso de forma marcada (uso de aspas, itálico, etc.) ou não-marcada (ironia, sátira, alusão, etc.)

Assim, os *memes* virtuais podem ser classificados como heterogêneos, pois seu interior é povoado por outros discursos, outras vozes constituindo um jogo polêmico, irônico e satírico, que lida com a contradição. Por intermédio de outros gêneros textuais (caráter híbrido) (CALIXTO, 2017) e ferramentas digitais audiovisuais, os efeitos de sentido são construídos a partir da intertextualidade (KOCH, 2003) e sua compreensão abrange a capacidade cognitiva, textual e comunicacional do sujeito assim como seus desdobramentos socioculturais.

4. *Desterritorializar, reterritorializar: o movimento dos memes virtuais*

Embora não tenha seu surgimento associado à revolução tecnológica e digital proporcionada pela *Web 2.0*, é dentro desse universo que o *meme* virtual se transforma e assume uma nova postura mediante a cultura. “O termo ciberespaço especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga” (LÉVY, 1999, p. 17). Esse espaço de interação entre diferentes sujeitos gera uma interconexão entre diferentes comunidades virtuais de tal forma a criar um lócus cibercultural.

Quanto a esse conceito de cibercultura, Lévy (1999, p.17) afirma que ele “(...) especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Logo, as formas de produção, circulação dos textos assim como a leitura também foram alteradas. Abrir uma página, ler outra, clicar num link são atividades possibilitadas neste novo ecossistema virtual. Pensar o virtual como irreal é um ledão engano. O virtual não é uma ausência de realidade, mas a condição que possibilita a atualização. “(...) Um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento (...) e que chama um processo de resolução: a atualização” (LÉVY, 1996, p. 16).

Essa concepção de virtual está relacionada ao processo dinâmico de (des)construção dos textos e ao processo de atualização que é “(...) a invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades” (LÉVY, 1996, p. 16). O virtual assume o lugar de matriz geradora, ou significado, em oposição à atualização particular do significativo, o atual.

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. (LÉVY, 1996, p. 21)

Observar o processo de desterritorialização dos *memes* virtuais é também observar as atualizações das virtualizações. O quadro “Amor Desarmado” (L’Amour désarmé) (imagem 1) feito pelo francês William

Adolphe Bouguereau em 1885 foi virtualizado (matriz) para a criação de uma série de memes intitulados (Me segura!) em uma competição de photoshop (*Worth1000*) foi feita a inclusão do Alien em 2008 pelo brasileiro Mandrak. No entanto, os processos de atualização/virtualização são contínuos e a cada nova atualização, ele ganha novos elementos culturais que o territorializam.

O fato deste *meme* (imagem 3) trazer aspectos específicos do cotidiano brasileiro enfatiza a importância da subjetividade na interpretação dos *memes* virtuais. Caso o leitor desconheça o cantor Fábio Junior e o fato dele ter se casado diversas vezes, a compreensão de onde reside a ironia é impossibilitada. Isso reforça o caráter cultural dos *memes* assim como demonstra como os textos são resultados de processos interativos entre indivíduos socialmente localizados.

Figura 5



“Amor Desarmado” (L’Amour désarmé), William Adolphe Bouguereau, 1885. Fonte: Google Imagens. Acesso em: 27 de out. de 2020.

Figura 6



Meme “Meu Deus, me solta” Fonte: Página do Facebook “Me solta”. Acesso em: 27 de out. de 2020.

Figura 7



Meme “Meu Deus, me solta” Fonte: Página do Facebook “Me solta”. Acesso em: 27 de out. de 2020.

Os *memes*, portanto, ganham sentido conforme o momento de interação entre ele e seu leitor diante de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva e sociocultural. Assim, não há “o sentido” dos *memes*, mas “os sentidos”. Essa margem móvel permite aos *memes* transformarem-se a cada atualização como um cruzamento de superfícies textuais construindo sentidos em contextos semióticos limitados, sem possibilidade de interpretações de caráter geral.

Ao considerar os *memes* virtuais como textos desterritorializados está se afirmando que, embora eles exijam suportes físicos, eles não

possuem “um lugar”. É essa mobilidade virtual que possibilita a replicação/ propagação do *meme* como gene virtual e cultural. Pela sua volatilidade e aspectos multisemióticos (MARCUSCHI, 2011) e pela sua mobilidade e heterogeneidade (LÉVY, 1999), os *memes* virtuais são desterritorializados tornando-se análogo aos processos aos quais se misturam.

Estendendo esta análise, os *memes* virtuais estão sempre na dependência de uma apropriação singular que remete a uma determinada interpretação ligada, por sua vez, a uma pertinência local, a um plano semiótico desterritorializado e a uma trajetória sócio, histórica e cultural. A intenção do autor é atualizada a cada vez que os *memes* são novamente virtualizados. Assim, ela perde espaço para o próprio texto. A imaginação, a memória, o conhecimento, os valores tornam-se vetores da virtualização.

Observar o processo de desterritorialização dos *memes* virtuais requer uma análise de seus efeitos de sentido. Embora esse meme tenha sido publicado na página em questão no ano de 2018, o fato de a problemática (Queimadas na Amazônia) ainda permanecer vigente, ele retém sua forma origina, no entanto, o fato dos contextos sociopolíticos terem sido alterados, seu sentido é reterritorializado. Esse processo de hipertextualização (LÉVY, 1996; 1999) multiplica as ocasiões de produção de sentido e enriquece a leitura.

Figura 8.



Meme “Titanic”

Fonte: Página do Facebook “Sincero Oficial”.

Acesso em: 27 de out. de 2020.

Os hipertextos estão em constante renegociação e reconstrução de significados uma vez que suas conexões são heterogêneas (multimodalidade) e cada nó existente dentro dele engloba novas redes de conexões externas. Lévy (1996) diz:

O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas

ao texto, em associar outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. Aqui, não consideramos mais apenas os processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas. (LÉVY, 1996, p. 43-4)

No ciberespaço os hipertextos são como pistas marcadas, um conjunto de nós que permitem ao leitor acesso a um número ilimitado de outros textos. Os *memes* virtuais como hipertextos articulam imagens e palavras (multisemióticos) e atravessam paisagens de maneira complexa (intertextualidade) tensionando a própria centralidade do texto. Sua volatilidade desterritorializa e reterritorializa seus sentidos abolindo a própria autoria, fundindo o leitor com suas ligações e possibilitando fugas e retornos tão plurais e diversos quanto seus leitores.

5. *Discussão Analítica*

Dos conceitos de gênero do discurso, heterogeneidade, (des) (re)territorialização, da compreensão dos processos de atualização e virtualização pelos quais os hipertextos estão sujeitos, são analisados *memes* retirados da página “Artes Depressão” (*Facebook*). Para recorte dos *memes* foram considerados o conteúdo temático (educação) e estilo (*memes* a partir de obras de artes). Tratam-se de exemplos significativos de uso multimodal e multisemiótico da linguagem que exploram cenas do cotidiana educacional de forma irônica e humorística.

Para interpretação desses *memes* foi utilizado o método netnográfico que é uma metodologia (interpretativa) que “(...) procura fazer uma reconstrução analítica de cenários e grupos culturais, suas crenças práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados pela cultura que está sendo estudada” (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011, p. 188). Isso foi essencial para analisar os conteúdos (MORAES, 1994) dos *memes* virtuais como um novo gênero textual (digital) e a partir daí realizar uma análise de conteúdos desses textos.

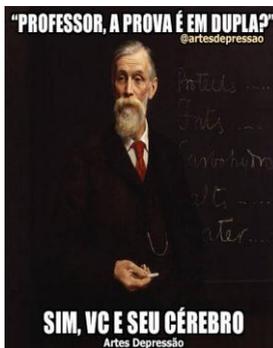
Figura 9.



Meme “Artes Depressão”.

Fonte: Página do Facebook “Artes Depressão”. Acesso em: 28 de out. de 2020.

Figura 10.



Meme “Artes Depressão”.

Fonte: Página do Facebook “Artes Depressão”. Acesso em: 28 de out. de 2020.

Figura 11.



Meme “Artes Depressão”

Fonte: Página do Facebook “Artes Depressão”.

Acesso em: 28 de out. de 2020.

Figura 12.



Meme “Artes Depressão”

Fonte: Página do Facebook “Artes Depressão”.

Acesso em: 28 de out. de 2020.

Pode ser facilmente observado que os *memes* virtuais apresentam uma regularidade no que diz respeito à forma, ao estilo e ao conteúdo temático (BAKHTIN, [1979] 1997). Assim, pode-se dizer que eles pertencem ao mesmo tipo de gênero do discurso: *memes* virtuais. Eles articulam diálogos curtos e despojados (típicos das salas de aula) com obras de arte clássicas, como pinturas. Nas figuras 9 e 10, a obra é “Sir Michael

Foster” (1907) de John Collier; e nas figuras 11 e 12, “What’syourname?” (1876) de John George Brown.

Quanto à construção composicional, os *memes* “Artes Depressão” são construídos a partir da sobreposição de material linguístico-textual (escrito) em pinturas clássicas. A caracterização dos personagens (expressões faciais e corporais), o uso de trajes e cenários antigos e até mesmo as cores conduzem o leitor a interpretar o elemento não-verbal como uma pintura, uma obra de arte. A junção do clássico com temas atuais (elemento verbal) traz o tom humorístico ao *meme*. O elemento não-verbal é desterritorializado com a presença dos diálogos sobrepostos a ele e reterritorializado variando conforme as diferentes esferas culturais e sociais do leitor.

O material linguístico sobreposto nas imagens compõe dois blocos de enunciados (pergunta/resposta). Esses enunciados ecoam do mesmo campo discursivo (MAINGUENEAU, 1997): a sala de aula. É possível chegar a esse entendimento pelo próprio cenário em que os personagens estão (mulher e homem com giz na mão e um quadro ao fundo) e pelo material linguístico. Esses elementos são um conjunto de vozes consoantes que revelam as relações, por vezes estereotípicas, existentes entre professor/ aluno.

	Figura 9	Figura 10	Figura 11	Figura 12
Enunciado I	“Professor, o que vai cair na prova?”	“Professor, a prova é em dupla?”	“Professora, o que vai cair na prova?”	“Professora, pode fazer a lápis?”
Enunciado II	“Lágrimas.”	Sim, vc (você) e seu cérebro.	“Tudo e mais um pouco.”	“Pode, mas eu vou apagar todas as suas respostas e te dar zero.”

Quadro 12: Descrição da materialidade linguística dos memes “Artes Depressão”.

Nos quadros relativos ao “Enunciado I” observa-se uma série de enunciados que são atribuídos a alunos. É justamente o uso do vocativo “Professor” que remete diretamente ao campo discursivo da sala de aula. Os enunciados “o que vai cair na prova?”, “a prova é em dupla?” e “pode fazer a lápis?” não possuem autoria identificada, revelando construções que aparentemente ressoam das vozes de alunos. Assim, essas perguntas podem ser consideradas axiomas de lógica popular, uma espécie de consenso inicial, uma obviedade.

Os enunciados pertencentes ao segundo bloco (Enunciado II) revelam o confronto de ideologias entre o enunciado e a realidade. Os professores normalmente respondem a estes tipos de questionamentos regulados por uma ordem do discurso que ecoa de instituições (escola) (FOUCAULT, [1970] 1996), que configura um *ethos* professoral (MA-INGUENEAU, 2011) estereotipado: uma figura maternal/paternal, polida e paciente. A rejeição ou a contrariedade em relação aos enunciados anteriores é revelada a partir das repostas dos professores.

Por trás da voz discursiva dos personagens-professores que dizem “Lágrimas.”, “Sim, vc (você e seu cérebro)”, “Tudo e um pouco mais” e “Pode, mas eu vou apagar todas as suas respostas e te dar zero.” Esses enunciados – típicos do meio acadêmico – são destacados pelos efeitos de ironia, metáfora e humor. A ironia pode, pois ser entendida sob a ótica da contradição uma vez que o que está sendo dito – discurso do mundo real – (Lágrimas.) opõe-se ao que se quer dizer – discurso acadêmico (Se você não estudar, você não obterá bons resultados).

Assim, eles são definidos como discursos reportados, pois são discursos de outros (reais), que são retomados no discurso narrado. Pelo fato dos enunciados I serem perguntas e os do enunciado II serem respostas, os *memes* virtuais são caracterizados como uma conversação dialogal entre esses sujeitos, um só todo acabado, que se constitui com a presença da palavra outra, demarcada linguisticamente, como recurso indispensável na costura que estabelece nexos ao todo dos textos.

Esses *memes* desterritorializam tanto o elemento verbal, a pintura clássica, quanto o verbal, os diálogos. As obras pertencentes aos séculos XIX e XX (Sir Michael Foster e What’syourname?, respectivamente) são atualizadas quando perdem a intencionalidade do autor. A pintura “Sir Michael Foster” é um retrato do filósofo inglês em suas atividades na Universidade de Londres. Já o quadro “What’syourname?” é apenas uma cena cotidiana. O que desterritorializa as pinturas são os materiais linguísticos analisados que dão novos efeitos de sentido às obras reterritorializando seus significados.

Por fim, mas não menos relevante, do ponto de vista da tipologia, os *memes* analisados podem ser compartilhados a qualquer momento por não estarem relacionados a uma data comemorativa ou a um momento específico, mas por representarem o senso comum, logo são persistentes (longevidade). A propagação desses textos vai depender dos interesses dos atores sociais e dos assuntos em voga nas redes sociais digitais.

Em relação à fidelidade, eles são replicadores, pois mantêm as características dos demais *memes* da página – imagem clássica e diálogos populares, aqui típicos de uma sala de aula. Já sobre a fecundidade, estes *memes* são uma matriz geradora de outros *memes* em relação a seus elementos verbais e não-verbais de ordem de conteúdo, estilo e forma, ou seja, são epidêmicos. Sobre seu alcance, eles são de escala global devido à ampla replicação.

Mediante o exposto, os *memes* virtuais são gerados dentro desse ecossistema digital colaboram para o processo de difusão de ideias e valores e desenvolvimento de habilidades comunicativas. Caracterizados mais por suas funções comunicativas e cognitivas que por suas particularidades estruturais, ao serem replicados, eles realizam propósitos comunicativos em determinadas situações sociais (MARCUSCHI, 2011). Como fenômenos históricos, eles estão profundamente vinculados aos aspectos sociais e culturais de um determinado momento da sociedade.

6. Considerações finais

Longe de encerrar as discussões aqui empreendidas, é necessário refletir sobre a importância das questões aqui pensadas no ensino de linguagens. Primeiramente, compreendemos o conceito originário da palavra *meme* (gene cultural) para, então, definir os *memes* virtuais como um gênero textual e tipificá-los. Posteriormente, buscamos a intertextualidade existente em seu interior que ecoa diversas vozes e que o caracteriza como heterogêneo.

Após tantos outros aspectos apreendidos, podemos observar como os *memes* sofrem processos constantes de atualização/ virtualização, sendo objetos culturais e discursivos que permeiam a vida cotidiana dos sujeitos difundindo valores, comportamentos e pontos de vista. Sob esta ótica, é importante considerar seu espaço nas salas de aula de línguas.

É necessário lidar de forma crítica com as dimensões éticas, estéticas e políticas dos *memes* virtuais. Desenvolver competências para interagir dentro dos múltiplos letramentos é também preparar o aluno para atuar socialmente e culturalmente dentro das esferas de comunicação digital. Isso permite que eles também atuem (como autores/ produtores) transformando e ressignificando os textos e os sentidos. A multiplicidade cultural e semiótica da sociedade digital precisa também interagir com a sala de aula, transgredindo relações de poder estabelecidas, em

especial, as propriedades das máquinas, das ferramentas, dos programas, dos textos.

Essa perspectiva articula dimensões ciberculturais e espaciais, virtual e atual transformando o aprendizado de línguas em um verdadeiro instrumento de poder simbólico capaz de fomentar novas textualidades e realçar as competências comunicativas que os alunos precisam ter para atuarem criticamente nos espaços sociais, virtuais ou não.

Os professores devem pensar maneiras de implementar propostas pedagógicas de produção de textos multimodais com o intuito de valorizar as novas formas de linguagem que se proliferam no mundo contemporâneo por meio das tecnologias digitais, concebendo aos alunos o protagonismo na construção de conhecimentos significativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. Trad. de J. W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, IEL, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, M. (1979) *Estética da criação verbal*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: educação é a base*. Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

CALIXTO, D. *Memes na internet: entrelaçamento entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais*. São Paulo: USP, Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de PósGraduação em Ciências da Comunicação, área de concentração: Interfaces Sociais. Linha de Pesquisa: Comunicação e Educação, USP, São Paulo, 2017. 220f.

DAWKINS, R. (1976). *O gene egoísta*. Trad. de Rejane Rubino. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

FOUCAULT, M. (1970) *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo, Brasil: Loyola, 1996.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Entre a transparência e opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LÉVY, Pierre. *O Que é Virtual?*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. de Freda Indursky. 3. ed. Campinas-SP, Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *A propósito do ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel;

MORAES, R. Análise de Conteúdo: limites e possibilidades. In: EN- GERS, M.E.A. (Org). *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educa- ção*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B., BRITO, K. S. (Orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.

NOGUEIRA, Eliete; GOMES, Luiz Fernando; SOARES, Maria Lúcia de A. Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação. *Qua- estio*, v. 13, n. 2, p. 185-202, Sorocaba-SP, nov. 2011.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas redes midiáticas. *Revista FAMECOS*, n. 32, p. 23-31, Por- to Alegre, abr.2007.

SALGADO, Luciana (Org.). *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 11-30